



## A IGREJA E A CASA-GRANDE: REMANESCENTES DA TAIPA DE PILÃO EM LIMEIRA-SP

Mateus Rosada

Departamento de Arquitetura e Urbanismo  
Escola de Engenharia de São Carlos / Universidade de São Paulo  
Rua Alecrim, 788, Jardim Planalto, 13485-082, Limeira  
Tel: (55 16) 3373 9281 / 9138 5004 mrosada@sc.usp.br

**Palavras-chave:** patrimônio cultural, arquitetura religiosa, arquitetura rural

### RESUMO

O trabalho busca analisar a influência e a importância histórica das duas edificações mais antigas do município de Limeira, no Estado de São Paulo: a casa sede do Engenho (ou Fazenda) Tatu, que pertenceu ao fundador da cidade, e a igreja de Nossa Senhora da Boa Morte, ambas construídas em taipa de pilão e que mantêm grande parte de suas características originais até os dias de hoje. Percebe que, no município, essas duas edificações são hoje os patrimônios culturais mais significativos: a sede do Engenho Tatu pelo partido arquitetônico adotado de paredes externas em taipa de pilão e interior em taipa de mão que se tornou um padrão para a casa rural paulista do século XIX, e a igreja da Boa Morte por seu opulento interior barroco apoiado em grossas paredes de 1,35m espessura. Considerados importantes patrimônios culturais para o município, essas duas edificações sofrem com várias patologias decorrentes da falta de manutenção e da antiguidade de suas estruturas: movimentação e inclinação dos vedos e infestação de cupins de solo nas paredes de terra crua. O trabalho também analisa como as tentativas de restauro da casa grande e da igreja esbarram na falta de conhecimento da construção com terra e do combate de suas patologias. Constata a dificuldade dos órgãos e profissionais envolvidos com os dois casos em lidar com a técnica de arquitetura com terra crua cujo saber-fazer perdeu-se com o tempo.

### 1. INTRODUÇÃO

Esta reflexão nasce de inquietações pessoais e de dúvidas deste autor sobre a preservação de determinados bens históricos de sua cidade natal, Limeira. Como típico município de médio porte do interior de São Paulo, a cidade, em relação aos grandes centros históricos do país, não é muito antiga (tem pouco mais de 180 anos) e possui poucos remanescentes de arquitetura em terra, técnica que era a regra para se construir até os fins do século XIX. Contribuiu para esse desaparecimento o forte crescimento econômico e demográfico do século seguinte, que acabou por fazer com que os municípios paulistas, em geral, se alterassem bastante e tivessem suas características arquitetônicas e ambientais totalmente modificadas.

*A cidade brasileira parece ter tido sempre vergonha de suas características. Julgava-se sempre atrasada em relação aos padrões dominantes que vinham de fora e buscou, na medida do possível, adaptar suas feições inspirando-se (até antes da Segunda Guerra) em padrões europeus. Assim, reformas do casario para alteração de fachadas se sucederam umas às outras. (Rosada, 2008)*

As características morfológicas das singelas construções do período do Brasil Colônia e início do império foram substituídas por padrões ecléticos. Posteriormente, as construções ecléticas também foram substituídas por outras modernas, sucessivamente, até os dias atuais, de modo que, em não muito tempo, toda a feição das cidades resultou completamente modificada.

Em Limeira, particularmente, o progresso permitiu que apenas alguns poucos exemplares da arquitetura do início de seu povoamento chegassem aos dias atuais. Raras foram as construções com mais de cem anos que resistiram às renovações urbanas: no perímetro

urbano existem somente cinco edificações que datam do século XIX... Dentro dessa realidade, os dois únicos edifícios em taipa de pilão que ainda persistem são também os dois remanescentes mais antigos de todo o município: a casa-grande da Fazenda (Engenho) Tatu e a Igreja de Nossa Senhora da Boa Morte e Assunção.



**Figura 1** – Aspectos externos do Casarão do Engenho Tatu e da Igreja da Boa Morte

As histórias dessas duas construções correram paralelas ao longo do tempo e, atualmente, com as tentativas de restauro, começam a apresentar fatores comuns.

## 2. A CASA-GRANDE DO ENGENHO TATU

Das duas construções que serão tratadas aqui, a mais antiga é a casa sede do Engenho Tatu. A época de sua construção não pode ser datada com precisão, pois a documentação perdeu-se com o tempo. O que sabemos é que o Engenho Tatu <sup>1</sup> foi fundado pelo capitão português Luiz Manoel da Cunha Bastos. Nascido no Porto e criado em Vila Rica (Ouro Preto), Cunha Bastos se tornou importante comerciante na capital paulista. Com os lucros do armazém que possuía, adquiriu, pouco antes de 1820, um engenho na região que é hoje o município de Limeira, comprando partes de duas sesmarias, Saltinho e Coronel Sá, localizadas na margem norte do rio Piracicaba, ambas concedidas em 1799 (Busch, 2007). É possível fixar a data da compra graças a uma nota de protesto contra a demarcação de suas terras de julho de 1820.

Nesse chão o capitão fundou seu engenho e abandonou a carreira militar, dedicando-se exclusivamente à produção e comércio do açúcar. A sua propriedade, estabelecida sobre uma mancha de latossolo vermelho, a conhecida terra-roxa, propiciava, graças às características ligantes do solo, ótimas condições para construção nas técnicas de taipa de então.

Implantada em uma meia-encosta, a casa-sede apresenta-se assobradada na frente e térrea nos fundos, uma característica marcadamente mineira. As terras da região, por essa época, já eram povoadas de maneira rarefeita por mineiros, em sua maior parte, estabelecidos na área após a exaustão das minas, caminhando em direção à estrada para Cuiabá, num movimento de expansão da região agrícola de Minas Gerais. Pelas características arquitetônicas e morfológicas, o arquiteto Carlos Lemos situa a construção do casarão no início do século XIX.

*Desse tipo de casa [de partido mineiro] o exemplar mais antigo que conhecemos é a sede do Engenho do Tatu, no município de Limeira. É quase certo que seja construção do primeiro quartel do século XIX. (Lemos, 1999: 89)*

Tatu foi o primeiro engenho da região de Limeira e suas terras abrangiam inclusive a área onde hoje está o centro da cidade. A partir de 1826, com a abertura de uma nova estrada que ligaria a região a Campinas, começou a formar-se um povoado nas proximidades dum antigo pouso para tropeiros que havia no local, lindeiro à mesma estrada, dentro das terras do engenho. Nesse povoado, Cunha Bastos fez a doação de 112 alqueires para o

Patrimônio da igreja, criando, em 1832, a freguesia que deu origem ao que é hoje a cidade de Limeira (Rosada, 2004: 21-22). Por isso o capitão é considerado o fundador do município e o engenho Tatu, a célula-mãe da cidade.

Mas Cunha Bastos não teve sorte: três anos após a criação da freguesia, é assassinado, *atingido por uma ballada*. Por ser solteiro e não possuir herdeiros, o poder judiciário ficou responsável por seus bens, inventariou suas posses e posteriormente e colocou-as em leilão. Esse inventário é um dos poucos documentos sobre a Fazenda Tatu:

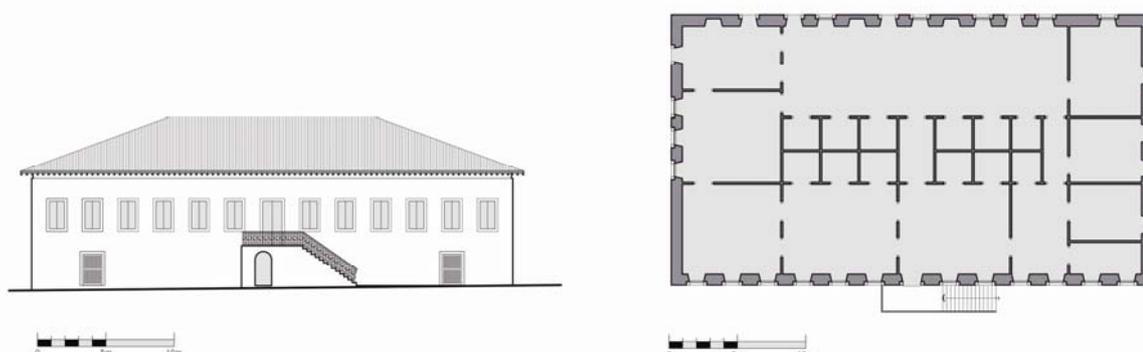
*Em seu inventário, ao lado das benfeitorias industriais, é citada a sua casa de moradia. (...) Tudo leva a crer que aquela "morada de casas" mencionada no inventário de 1835 seja a casa que veio até os nossos dias. Uma coisa é certa: é construção do tempo do açúcar e apresenta um porão de pouca altura no seu frontispício. (Lemos, 1999: 90)*

O que se torna curioso, no caso do Engenho Tatu, é o tamanho de sua sede: o robusto casarão tem 722 m<sup>2</sup>, com doze alcovas, três quartos, e uma sala de jantar de 112 m<sup>2</sup>! A casa do Tatu é imensa, isso nos leva a perguntar por que um homem solteiro iria construí-la com tal escala. Por ter adquirido terras onde já existia um engenho, acredita-se que Cunha Bastos já o tenha comprado com várias edificações, inclusive a casa-grande e que, portanto, o casarão seria anterior a 1820.

Além de ser uma construção muito antiga que chegou até os dias atuais quase sem alterações, no que concerne às técnicas construtivas, a casa-grande do Engenho Tatu:

*É também uma construção fora dos padrões da época, por ter somente nas paredes externas a taipa de pilão. Toda a repartição interna é de taipa de mão, fato ainda inédito naquele tempo na bacia do Tietê. As casas dos paulistas sempre possuíam, de um modo ou outro, paredes de taipa de pilão dentro de casa. E aquela bateria de alcovas no ângulo da construção tem um desenho também inusitado, que viria a ser, mais tarde, a norma da arquitetura do café. A casa do engenho do Tatu é um exemplar da maior importância. (Lemos, 1999: 90)*

A construção realmente chama a atenção: em algumas áreas externas de suas paredes com 80 cm de espessura (1,5 m na altura dos porões) o reboco caiu e é possível distinguir as camadas de taipa de pilão. Todas as janelas, com exceção de apenas uma, são originais e mantém as folhas cegas e os batentes de quase 25 cm de largura, sem vidros, sem guilhotinas. No interior, pode-se ver as portas das doze alcovas com muxarabis nas bandeiras e alguns ambientes forrados à maneira saia-e-camisa, enquanto que o forro da sala de jantar, que caiu em sua maior parte, é de taquara trançada. Em outras partes que perderam o forro, fica visível o madeiramento das terças e dos montantes falquejados a machado, com suas largas bitolas. Os caibros são todos de troncos de coqueiro, e as telhas são as coloniais moldadas nas coxas.



**Figura 2** – Fachada e Planta da casa-grande do Engenho Tatu (c. 1820).

Poucas foram transferências de sua posse por herança, a maioria se deu pela compra da fazenda e, mesmo passando por mãos de várias famílias, a casa foi muito pouco modificada: em duas salas da frente foi feita uma pintura decorativa mais rebuscada ainda no século XIX, a escada de acesso original, provavelmente em madeira, foi substituída por

uma de alvenaria e foram construídos dois banheiros internos, apenas em 2002. O motivo que manteve a casa com pouquíssimas alterações em seus quase duzentos anos é que ela está desocupada há mais de cinquenta. O penúltimo dono, Orestes Jacon, construiu uma nova sede, ao lado do casarão (derrubando uma parte do lanço de mais de 100m de senzalas) antes de vendê-la à família Spagnol, atual proprietária, em 1959. Desde antes da data da venda, o casarão do Tatu está desocupado. Por muito tempo, a casa funcionou como tulha da fazenda, onde era armazenada parte da produção:

*Um tempo eu plantava bastante arroz aqui na fazenda e aqui eu ponhava cheio de arroz aqui, ó! Milho, arroz, ponhava... Depois eu larguei mão de fazer isso aí; arrendei tudo pra usina. Então, parou. (Spagnol, 2004: 35)*

Atualmente, a parte frontal da casa está vazia e os fundos funcionam como um depósito da atual sede, que se situa ao lado do casarão. Por não ter recebido quase nenhuma manutenção em todo esse tempo, tem sérios problemas estruturais, embora ainda mantenha-se em pé.

### 3. A IGREJA DA BOA MORTE

O engenho Tatu foi o primeiro de muitos outros que foram se instalando na região que hoje compreende Limeira. Derrubando as matas originais e abrindo espaço no território, a atividade canavieira propiciou a formação do povoado, mas ele caminhou acanhado até que uma nova atividade, mais lucrativa, substituiu a cana: cafeicultura. O café começou a ser plantado na área no fim dos anos 1820 e se tornou sua principal atividade já nos anos 1840. E Limeira, até então acanhado centro canavieiro da periferia da zona econômica paulista, floresceu com o café, tornando-se um dos mais importantes pólos produtores da rubiácea. Em nova posição, agora de destaque, a vila enriquecida tinha que mostrar sua opulência. Numa época em que a igreja era o símbolo edificado máximo de uma cidade, a matriz de Nossa Senhora das Dores, ainda muito simples e tosca, onde até *as cabras pastavam em seu telhado* (Tschudi, 1980: 123), não mais condizia com boa situação da urbe.

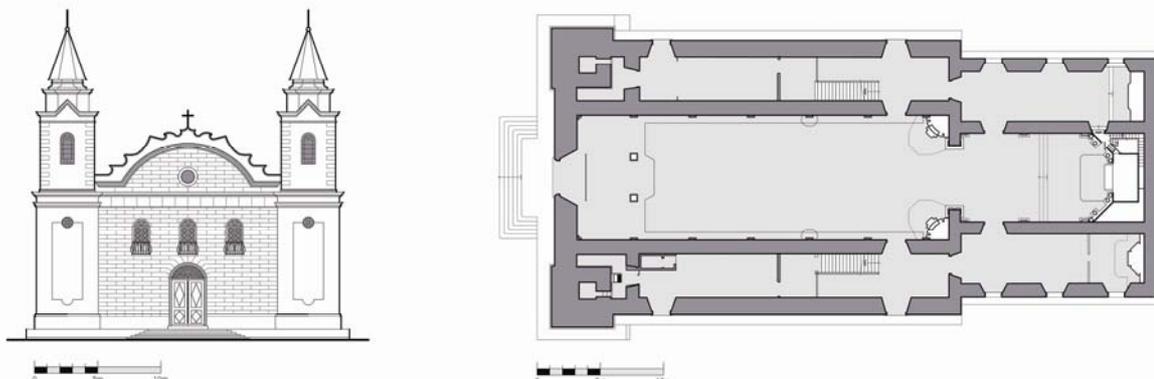
Na cidade ocorreu então um caso fora dos padrões: não se construiu uma nova matriz para Nossa Senhora das Dores, pois não se cogitava substituí-la após tantas reformas recentes. Nesse caso, os senhores mais abastados da cidade, organizados em uma irmandade religiosa, erigiram outra igreja subordinada à jurisdição da mesma matriz, a igreja de Nossa Senhora da Boa Morte e Assumpção. Esse novo templo teve o interior barroco ricamente entalhado, para cujo trabalho foi contratado em Florença o arquiteto e entalhador italiano Aurélio Civatti.

As obras da igreja da Boa Morte começaram em 1858. Vários escravos foram emprestados pelo membros da irmandade para a construção da nova igreja. Os trabalhos de levantamento topográfico e locação da obra foram dirigidos por Civatti.

*A Irmandade construiu a parte da capela mor até a cobertura. Então, recebeu a ajuda do Barão de Cascalho, José Ferraz de Campos, que se prontificou a construir as paredes de taipa e a cobertura. A conclusão do templo esteve a cargo de outro nobre benfeitor, Bento Manoel de Barros, Barão de Campinas, que construiu as duas torres de tijolos e executou o acabamento, e fez tudo quanto é de madeira, as torres, pintura, dourados, etc.(...) As paredes da Igreja são de barro e argamassa, com amarras de bambu e madeiras resistentes, usadas na época. (Carità, 1998: 03)*

O templo foi inaugurado em 1867. Segundo jornal da época, *Civatti fez da sua magnífica obra um protesto vivo contra as miserandas cousas* que haviam por toda a província paulista (Busch, 2007: 289-90). Após o término das obras criou-se um certo mal-estar na cidade, pois a igreja da Boa Morte passou a ser o exemplar mais rico dentre as igrejas do município ao passo que a matriz, sempre em obras e reformas, não conseguia manter uma aparência de acabada. A população e as autoridades limeirenses sempre tiveram um ressentimento de que a matriz nunca superou a igreja da Boa Morte em qualidade artística. O lado bom disso tudo é que, por ser uma igreja muito próxima da matriz (hoje catedral, sede da diocese de

Limeira), ela nunca se tornou uma paróquia e por isso mesmo nunca necessitou de reformas ou de outro prédio para comportar o crescimento da cidade. Esse é um dos motivos pelo qual a igreja se mantém com as mesmas paredes de taipa até os dias de hoje.



**Figura 3** – Fachada e Planta da Igreja da Boa Morte (1858-1867; o frontispício é de 1893).

Além da beleza da ornamentação, a Boa Morte tem uma estrutura muito bem acabada e resistente. Suas grossas paredes, que variam de 90 cm a 1,35 m, davam a impressão, para a população da época, que sua taipa duraria para sempre. Mas apenas doze anos após a inauguração o edifício já começou a apresentar problemas: parte de sua fachada estava em mau estado e ameaçava ruir. Foi contratada uma comissão de técnicos, comandada por I. H. Girard, constatou uma série de defeitos no edifício: falta de amarração da frente de taipa com as torres de alvenaria de tijolos, recalques de fundação na região das torres e do piso do côro, deslocamento do corpo frontal da igreja (frontispício e torres) e perigo de desmoronamento do frontispício (Pereira, 2004: 11). A igreja continuou com um frontispício que ameaçava a ruína até 1893, quando este foi finalmente refeito, agora todo em tijolos. Modificou-se com isso, a fachada da igreja, mas todo o conjunto manteve-se.

Por ser um prédio de uso cotidiano e nunca ter deixado de estar atividade, a Boa Morte foi alvo de várias reformas ao longo do século XX, que visavam adaptá-la às novas tecnologias, fazer a manutenção do edifício ou simplesmente complementar a já exuberante decoração interna. Dentre os trabalhos realizados, destacam-se as pinturas decorativas internas (foram três sucessivas, uma sobre a anterior: nas décadas de 1900, 1930 e 1970, a última é a que se mantém atualmente), a iluminação elétrica em 1900, a troca do assoalho de madeira pelo piso em ladrilho hidráulico em 1925, a aparelhagem de som e a colocação dos lustres de cristal em 1950, além de outras intervenções menores. Como se pode ver, várias foram as intervenções, mas quase nada foi alterado na distribuição interna e nas grossas paredes de taipa.

#### 4. PATOLOGIAS NA TAIPA DE PILÃO

As intervenções feitas na igreja da Boa Morte, ao que tudo indica, foram muito mais numerosas e constantes que no casarão do Engenho Tatu, tanto por ser um prédio de uso coletivo como por ter recebido maiores auxílios do poder público. Além disso, existe muito mais documentação disponível sobre a igreja que sobre a casa-grande, mas como veremos a seguir, as patologias que ambas as construções apresentam nos dias atuais são muito semelhantes.

##### 4.1 Desprendimento do revestimento

Em ambos os prédios examinados nesse estudo, há problemas com o desprendimento do reboco. No casarão do Tatu, aparentemente, o reboco começou a cair na década de 1990. A foto do livro de Carlos Lemos (1999: 90) é de 1980 e toda a fachada ainda estava íntegra. Nas fotos tiradas pelo autor deste artigo, em 2004 já se evidenciam os problemas do revestimento. Dessa data para cá grande parte se perdeu.

O caso da Igreja da Boa Morte é mais antigo. Há relatos da argamassa de acabamento se desagregando das paredes desde fins dos anos 30. O problema se arrastou até 1975, quando o provedor da Confraria local solicitou a intervenção no local. A solução adotada foi a colocação de novo reboco com a aplicação de uma tela de arame fixada à taipa por pregos (Carità, 1998: 24). Mesmo assim, a igreja apresentou novos problemas no revestimento, que começou a estufar e ameaçava desprender-se novamente, depois de passados trinta anos da primeira manutenção, ou seja, em um espaço de tempo relativamente curto. Um dos fatores que acelerou o reaparecimento da patologia no revestimento foi a pintura em látex que as paredes da igreja haviam recebido. Ela impedia o respiro necessário à taipa.

No memorial de restauro elaborado pela arquiteta Juliana Binotti Pereira (2004), a autora salienta que se fazia necessária a:

*Reconstituição de parte do reboco solto, que encontra-se em ruínas devido às trincas ocorridas durante o recalque do edifício, e aplicação de nova argamassa sobre tela onde encontram-se estufadas (soltas). E nova aplicação de argamassa à base de barro, cimento e cal (em proporção correta) nas paredes internas que apresentam trincas e reboco solto. (Pereira, 2004: 112-3)*

De fato, embora não tenha sido executada a restauração completa do templo, uma das medidas tomadas seguiu essa proposta da arquiteta: em 2006, foram removidas e refeitas as partes do reboco que estavam estufadas. Nesse mesmo ano, a pintura em látex externa foi removida e feita uma repintura, com uma pasta feita de terra, permitindo o respiro das paredes.

#### **4.2 Recalques da fundação e movimentação das paredes**

Além do descolamento do reboco, outros problemas que tanto a igreja como a casa-grande sofrem, sem que medidas definitivas tenham sido tomadas para resolvê-lo, são os advindos da movimentação das paredes: recalques da fundação, trincas e desvio do prumo são os mais freqüentes. Por serem estruturas muito mais flexíveis que as rígidas paredes de alvenaria o que vemos é que muitas vezes a parede de taipa pode inclinar-se bastante sem apresentar trincas substantivas.

O problema do casarão do Tatu é mais complexo que da Igreja da Boa Morte: toda a fachada lateral direita está inclinada, abrindo para o exterior da casa e ameaçando até o apoio da estrutura do telhado. Mário Spagnol, proprietário da Fazenda Tatu, demonstrou-nos sua preocupação: *Lá no fundo tem uma parede que abriu até assim (gesticula), já, pra lá. Tem uns apoios de tijolo, a turma fala sargento [contraforte], que tá segurando...* (Spagnol, 2004: 35).

Os proprietários do Tatu, sem dinheiro para intervir num reforço da fundação e reaprumo da parede inclinada, construíram três grandes contrafortes de tijolo para tentar impedir que a movimentação da parede comprometa o apoio dos esteios do telhado que, junto com as paredes, estão se abrindo. Apesar dos problemas, essa solução tem mantido a casa. O caso poderia ser ainda pior, mas, por sorte, o casarão se localiza na zona rural a uma distância razoável das vias de circulação de automóveis, estando afastado de fontes de trepidação.

Ao contrário do casarão do Tatu, a igreja da Boa Morte não se localiza numa área tranqüila, é justamente o intenso tráfego em seu entorno que tem agravado os seus problemas de trincas. Como é característico nas construções de taipa, a igreja não tem fundações profundas, pois a taipa de pilão não apresenta cargas pontuais, mas trabalha os esforços com cargas distribuídas, não necessitando de grande infra estrutura. Por isso, seus alicerces de pedra, mesmo para aquelas paredes de 1,35 m de espessura, têm apenas 50cm de profundidade. Esses alicerces deram conta das deformações de assentamento natural das paredes ao longo dos anos, mas não estão sendo suficientes para suportar a trepidação causada pelo intenso tráfego de veículos pesados que circulam em seu entorno.

*A Igreja de Nossa Senhora da Boa Morte e Assumpção possui embasamento não muito profundo, o que fez com que ao longo dos anos as paredes tanto externas quanto internas passassem por recalques estruturais, até sua estabilização. Nos aspectos gerais não possui sérios comprometimentos, a não ser o fluxo de ônibus e caminhões (existe um supermercado ao lado da praça e um ponto de ônibus nas suas costas) que por ali circulam diariamente. Daí a necessidade do desvio desses veículos, para que o edifício não venha a apresentar novos recalques. (Pereira, 2004: 112)*



**Figura 4** – Fachada lateral do casarão do Tatu em 2004, com o contraforteamento feito para impedir a abertura da parede. Trincas e falhas no reboco da Igreja da Boa Morte em 2004, antes da pintura atual em terra.

### 4.3 Infestação de insetos xilófagos

O problema mais preocupante, a nosso ver, é a infestação das duas edificações por insetos xilófagos. Isso está diretamente ligado a essas construções serem feitas em taipa, pois grande parte dos cupins que vêm atacando as estruturas de madeira são de solo e se encontram alojados nas paredes, espalhando-se por toda a edificação. As grossas paredes que a taipa de pilão exige dificultam ainda mais a localização das colônias para o seu combate.

A casa sede da Fazenda Tatu apresenta problemas de ataques de cupins de menor monta na estrutura do telhado e nas esquadrias, por serem feitas em madeiras de lei, mais duras. A situação é mais crítica no assoalho e no madeiramento superior do telhado (caibros e ripas). Estes últimos são troncos roliços de coqueiro, originais, do período em que se derrubou as matas da área para a construção, porém, por serem madeiras moles, estão seriamente danificados pela presença dos insetos, como pode-se ver no relato do proprietário local:

*Daqui a dois anos não tem mais telhado em cima disso! O cupim tá comendo tudo! E a madeira é coqueiro. É tudo coqueiro, assim. Tem só os travessão, quadrado, que são de madeira de lei. O resto é tudo coqueiro. Tem que trocar tudo! (Spagnol, 2004: 35)*

O Sr. Mário Spagnol continua seu desabafo sobre o problema dos cupins no casarão:

*[O ex-prefeito Jurandir Paixão] Mandou o engenheiro, os técnicos aí... Eles olharam aqui e disseram: "tchau mesmo"!... Porque não adianta, tem que trocar tudo! Você pensa que é só deixar bonitinho?! Que que tem que fazer com esse assoalho aqui, ó? Esse aqui até que dá pra envernizar, mas ali na outra sala, tem que pôr novo! O outro [assoalho] lá, também, tá tudo desgramado... (Spagnol, 2004: 35)*

Os problemas da igreja da Boa Morte não são muito diferentes do casarão. A parte de estrutura de telhado não tem grandes problemas, pois a cobertura foi refeita várias vezes na história da igreja. A última troca das telhas ocorreu ainda este ano.

O grande problema da igreja são os forros e toda a talha barroca que foram atacados pelos insetos xilófagos. Atualmente, o templo foi interditado pela Defesa Civil em janeiro deste ano

porque os pesadíssimos ornamentos do forro ameaçavam se desprender de sua estrutura. Corrigido emergencialmente esse problema com tirantes metálicos acima do forro, a igreja segue fechada até que ao menos seja refeito o problemático sistema elétrico e realizada a descupinização do prédio.

O grande desafio da comissão formada<sup>2</sup> para buscar uma solução é que tratamento dar à igreja. É muito difícil, no caso da Boa Morte, conter os insetos, pois o ataque é feito por cupins de solo e suas paredes não são mais que enormes extensões desse solo na vertical. Não se sabe qual a melhor maneira de se agir num caso tão específico desses, qual a forma, a aplicação de barreiras químicas, sua eficácia e por quanto tempo duram os resultados. Não há, em Limeira, profissional ou grupo de pesquisa que entenda profundamente de tratamentos contra os xilófagos. Estão sendo consultados laboratórios de pesquisas das universidades de cidades vizinhas: da Unesp de Rio Claro e da Esalq-USP de Piracicaba. Enquanto não se encontra uma resolução eficaz para esse problema, o templo segue fechado.

#### **4.4 Colapso das paredes pela infiltração de água**

Observando os dois edifícios estudados, o colapso das paredes é menos crítico no caso do casarão do Tatu que, mesmo sem manutenção e apresentando inúmeras goteiras, ainda mantém as paredes íntegras. Já a Confraria de Nossa Senhora da Boa Morte teve, no início do século XX, que adaptar o prédio da igreja às normas do código sanitário. Exigia-se dos prédios urbanos que se eliminassem as projeções dos telhados que jogavam as águas pluviais na calçada. Com isso, foram removidos os beirais do telhado, construídas platibandas para escondê-lo e rasgadas as paredes para a instalação dos condutores de águas pluviais, numa reforma que contrariou um dos princípios mais importantes da taipa: afastar a água das paredes de terra crua. Utilizava-se fazer as construções de terra com o *uso de largos beirais, muitas vezes com contrafeitos que ajudaram a jogar ainda mais longe as águas da chuva, inimiga da taipa* (Carità, 1998: 04). Os condutores, que eram geralmente de ferro fundido ou de cerâmica, foram a causa de muitas dores-de-cabeça para a Confraria, pois permitiram que a água se infiltrasse nas paredes da igreja. Por esse motivo, *em 1995, ocorreu desabamento da área de uma das torres* (Augusti, Boschiero, Ruy, 2005: 5). A parede interna, atrás da torre direita (figura 3) desmoronou, destruindo a porta lateral externa, tal o peso da massa de barro que caiu. Foi refeita em alvenaria de blocos de concreto, com uma parede dupla, oca no meio. Ainda assim, o desabamento não afetou a estrutura do telhado nem nave e sua ornamentação.

Na reforma do telhado ocorrida este ano, foram mantidos os condutores de águas pluviais que, desde há alguns anos, foram substituído por novos, de PVC, ao menos um pouco mais seguros que os anteriores. Porém, eles continuam a ser uma preocupação constante para a igreja: *Um grande problema a ser resolvido é o de que os condutores de águas pluviais passam por dentro da taipa, o que pode provocar no futuro um sério risco à estrutura do edifício* (Pereira, 2004: 113). Tais riscos levam a questionar se, mesmo estando o templo em processo de tombamento histórico, se a retirada das platibandas laterais e a reconstrução de largos beirais não seria uma opção mais segura e condizente com a velha igreja de taipa.

### **5. CONCLUSÃO: AS INCIPIENTES TENTATIVAS DE RESTAURO**

Como se pode perceber neste artigo, tanto a Igreja da Boa Morte como o casarão do Tatu apresentam várias patologias decorrentes ou associadas à sua condição de construções de terra crua, agravadas tanto pela antiguidade dos prédios como (e muito mais por isso) pela falta de manutenção dos mesmos.

Não tendo interesse pela casa-grande e não querendo derrubá-la, os proprietários da Fazenda Tatu recentemente doaram a sede para a Sociedade Pró-Memória de Limeira, mas o problema apenas se transferiu, pois a Sociedade não possui renda e não teria como arcar com uma correta restauração desse importante patrimônio. As obras de restauração são em

geral muito caras, o que torna muito difícil conseguir fundos necessários para que elas sejam realizadas.

O casarão do Tatu, localizado na zona rural de Limeira, mal pode ser visto da estrada vicinal que passa em sua frente. Não está à vista das pessoas, dos transeuntes e, portanto, seus problemas não incomodam ou comovem a população. Talvez por isso a Boa Morte demonstre possuir um apreço maior pelos limeirenses. Localizada em pleno centro da cidade, cercada por algumas das ruas mais importantes do município, seu largo é cruzado diariamente por milhares de pessoas, além dos fiéis que freqüentam suas missas – freqüentavam, pois o templo está fechado – ou que lá se casaram. Ou seja, a Igrejinha está no dia-a-dia de muitas pessoas o que a torna mais visada e querida, pois muito mais pessoas conhecem-na mais proximamente do que o distante casarão do Tatu.

É preciso que o monumento arquitetônico esteja inserido na vida das pessoas para que elas sintam essa noção de pertencimento e que queiram que estas obras perdurem pelos anos. É possível ter uma pontinha de otimismo em relação às edificações aqui tratadas, no caso da Igreja da Boa Morte ainda mais, pois é perceptível uma preocupação de pessoas, técnicos e órgãos públicos com sua conservação. O que acreditamos é que nos falta (aqui me incluo com todos eles) conhecimento técnico suficiente para que as posturas tomadas perante esses bens sejam semelhantes e que caminhem numa mesma direção.

Preservar e recuperar esses patrimônios é, ao menos, demonstrar um respeito às gerações que nos precederam, ao seu trabalho, ao seu suor e ao seu saber.

## BIBLIOGRAFIA

AUGUSTI, Valquíria Maria; BOSCHIERO Daniela; RUY, Daniele Poletti. (2005) **A festa e a Igreja Nossa Senhora da Boa Morte e Assunção**: patrimônios a serem preservados. Caderno Virtual de Turismo, v. 5, n. 2.

BUSCH, Reynaldo Kuntz. (2007) **História de Limeira**. 3 ed. Limeira: Sociedade Pró-Memória.

CARITÀ, Wilson José. (1998) **Breve História da Confraria de Nossa Senhora da Boa Morte e Assunção**. Limeira: o autor.

LE MOS, Carlos Aberto Cerqueira. (1999) **A Casa Paulista**. São Paulo: Edusp, Nobel.

PEREIRA, Juliana Binotti. (2004) **Memorial de Restauro**: Igreja de Nossa Senhora da Boa Morte e Assunção. Limeira: a autora.

ROSADA, Mateus. (2004) **Estruturação Espacial das fazendas de Café de Limeira e Região**. Relatório Científico (para Fapesp). São Carlos: o autor.

\_\_\_\_\_. (2008) **Evitar o Esquecimento**: Duas Igrejas Barrocas em Duas Cidades Modernas Brasileiras IX Congreso Internacional (CICOP) de Rehabilitación del Patrimonio Arquitectónico y Edificación. Sevilla, 2008.

SPAGNOL, Mário. (2004) **Entrevista**. In: ROSADA, Mateus. Relatório de Pesquisa. São Carlos: o autor, 2004.

TSCHUDI, Johann Jakob. (1980) **Viagens às províncias do Rio de Janeiro e São Paulo (1860)**. São Paulo: EDUSP.

## NOTAS

- 1 – O nome do engenho se deve a um ribeirão que corta a propriedade, hoje conhecido por Ribeirão Tatu, mas originalmente Tatuhiby (do tupi, *tatuhiby* = tatu pequeno).
- 2 – A comissão é formada pelos membros da Confraria de Nossa Senhora da Boa Morte e Assunção, responsável pela igreja, pelo capelão, por membros do conselho de patrimônio histórico de Limeira (Condephaali), arquitetos, um engenheiro agrônomo e um engenheiro civil.

## AUTOR

Mateus Rosada é arquiteto e urbanista pela Universidade de São Paulo (USP); e técnico em edificações pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). Atualmente é mestrando do Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo da EESC/USP. Membro da Sociedade Pró-Memória de Limeira, realiza pesquisas sobre arquitetura rural do período cafeeiro e arquitetura urbana religiosa.